



XII SEMANA CIENTÍFICA UNILASALLE – SEFIC 2016
Canoas, RS – 17 a 21 de outubro de 2016

COMUNICAÇÃO ORAL

ISSN 1983-6783

EDUCAÇÃO E ASSISTENCIALISMO NA PORTO ALEGRE DO SÉC. XIX: AS ESCOLAS DE MENORES APRENDIZES DO ARSENAL DE GUERRA DO RS

Maicon Lopes dos Santos, Luciano Arrone de Abreu (orient.)
Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul

Resumo

A presente pesquisa tem por objetivo analisar o assistencialismo de menores desvalidos por parte do Estado Imperial do século XIX e a sua relação tanto do ensino de ofícios como com a educação escolar ministrada para as Classes de Menores Aprendizes do Arsenal de Guerra de Porto Alegre.

Palavras-chave: *assistencialismo, educação.*

Área Temática: PPG em Memória Social e Bens Culturais

1. Introdução - Propósito central do trabalho

A temática principal apresentada neste trabalho faz referência às relações sociais existentes entre trabalho e educação nas Oficinas do Arsenal de Guerra de Porto Alegre entre os anos de 1848 e 1882. Além disso, visa contribuir para uma melhor compreensão no estudo da infância e educação e a sua importância na composição da força de trabalho dos Arsenais de Guerra do Império, mais especificamente no Arsenal existente na Província de São Pedro do Rio Grande do Sul. Nesta delimitação pretendemos analisar como o assistencialismo prestado por parte do Estado Imperial, no caso deste recorte em nosso trabalho, da educação escolar ministrada pelos pedagogos responsáveis pelo ensino dos menores aprendizes.

Além disso, visa contribuir para uma melhor compreensão no estudo da infância e educação e a sua importância na composição da força de trabalho dos Arsenais de Guerra do Império, mais especificamente no Arsenal existente na Província de São Pedro do Rio Grande do Sul. Pretende também contextualizar e compreender a conjuntura social da época e os mecanismos de entrada de menores, repressão e resistência dos educandos dentro da instituição militar.

Este trabalho tem por objetivo a partir do estudo das políticas de assistencialismo à infância por parte do Estado, compreender a relação entre a educação tecnicista oferecida pelo Arsenal, e a inclusão de menores pobres, órfãos, expostos da Santa Casa de Misericórdia e indígenas nas oficinas militares como mão de obra livre e qualificada para o serviço e manutenção do arsenal bélico do Império Brasileiro. As principais fontes de pesquisa são as correspondências, ofícios e mapas estatísticos do Fundo Arsenal de Guerra, Legislação Provincial e relatórios anuais dos Presidentes da Província encontrados no AHRS.

A problemática principal é investigar e analisar as fontes primárias, principalmente os relatórios enviados pelo pedagogo da Classe Provincial de menores aprendizes para o Presidente da província, onde constam dados relativos à educação escolar, como nome e idade do aprendiz, qual ofício ele aprendia nas oficinas, bem como o seu estado e avanço no seu aprendizado



XII SEMANA CIENTÍFICA UNILASALLE – SEFIC 2016
Canoas, RS – 17 a 21 de outubro de 2016

COMUNICAÇÃO ORAL

ISSN 1983-6783

escolar, buscando compreender desta forma, como se dava o acesso à educação por meio desta forma de assistencialismo aos menores desvalidos na Porto Alegre da segunda metade do século XIX.

Procuramos evidenciar também a possibilidade de existência ou relação de uma estrutura de trabalho e educação organizada pelo Estado Imperial para o desenvolvimento de mão de obra especializada e livre, com as relações sociais da época no Rio Grande do Sul e os mecanismos de sobrevivência da população pobre e instituições filantrópicas de assistencialismo frente às dificuldades de manter a educação subsistência infantil no período. Visa também levantar uma análise das relações de uma instituição total de ensino com uma conduta de disciplina militar imposta aos educados e as formas de resistência ou adequação dos mesmos frente ao rígido cotidiano militar. Além de tentar compreender como eram aproveitados esses menores aprendizes pelo Estado, após sua educação, no engajamento militar e trabalho compulsório nas oficinas do Arsenal de Guerra.

2. Marco Teórico

A partir da década de 1980 a história social passou a ganhar força no meio acadêmico do Brasil, com a chamada história da família, novas perspectivas de estudo e novas questões passaram a ser adotadas, como as concepções de família e as estratégias de sobrevivência e resistência adotadas por estes grupos sociais (CASTRO, 1997). Os estudos sociais sobre a infância no Brasil se ramificaram desta área, onde a problematizarão e a expansão de pesquisa e do conhecimento histórico e de novas perspectivas de teórico metodológicas, como a micro história e a redução de escala¹, fez surgir novos agentes históricos, no caso da nossa pesquisa os menores aprendizes das Oficinas do Arsenal de Guerra.

Uma vez que os personagens históricos e sociais que buscamos evidenciar em nossa pesquisa, estavam inseridos um contexto militar de subordinação, o que nos leva muitas vezes as descontinuidades, ausências e silêncios e lacunas que encontramos nas fontes fazem parte do trabalho do historiador, por se tratar de fontes produzidas pelas autoridades burocráticas do Estado Imperial, responsáveis por disciplinar o trabalho e a vida dos trabalhadores, aprendizes e militares que estavam inseridos dentro do Arsenal. Sobre a disciplina e o uso dos regulamentos utilizados pelas instituições militares para disciplinar seus trabalhadores, Michelle Perrot nos diz:

“sobre a disciplina, nossas principais fontes provém das classes dominantes; discursos de cima, às vezes elas exprimem mais um projeto ou programa do que propriamente uma operação, ora, é preciso lembrar que nunca um sistema disciplinar chegou a se realizar plenamente. Feito para triunfar sobre uma resistência ele suscita imediatamente um outra. O regulamento sempre é mais ou menos contornado, e sua leitura não pode dar conta da vida cotidiana da fábrica ou oficina.(PERROT, 1992, p. 54-55)“

Estes aportes teóricos nos levam para uma melhor compreensão de como se dava a cotidiano dentro desta chamada instituição total², como nos diz Goffman(1974) e Foucault(1996) ao melhor classificarmos o Arsenal de Guerra como instituição de controle social. Este marco

¹ Utilizaremos a metodologia iniciada por Ginzburg, ao reduzirmos o nosso olhar ao micro, e buscamos evidenciar índicos em nossas fontes, que poderiam passar despercebidos em uma análise mais ampla. GINZBURG, C. “Sinais: raízes de um paradigma indiciário” In _____ **Mitos, Emblemas e Sinais: morfologia e história**. São Paulo: Cia das Letras, 1989.

² "uma instituição total pode ser definida como um local de residência e trabalho onde um grande número de indivíduos com situação semelhante, separados da sociedade mais ampla por considerável período de tempo, levam uma vida fechada e formalmente administrada". GOFFMAN, Erving. **Manicônios, Prisões e Conventos**. São Paulo, Perspectiva, 1974, p. 11.



XII SEMANA CIENTÍFICA UNILASALLE – SEFIC 2016
Canoas, RS – 17 a 21 de outubro de 2016

COMUNICAÇÃO ORAL

ISSN 1983-6783

teórico em nossa pesquisa é importante, pois a definição de instituição total nos ajuda a entender com a análise das fontes os diferentes mecanismos de controle por parte do Exército e do Estado Imperial, com políticas de assistencialismo aos menores desvalidos.

A questão do trabalho do trabalho compulsório dentro das oficinas é visto como um processo de disciplinamento e controle da população livre e pobre, como nos diz Vinicius Pereira de Oliveira (OLIVEIRA, 2013), onde o Estado Imperial recrutava aprendizes, para trabalhar em suas oficinas, ao mesmo tempo em que continha esta população heterogênea de possíveis levantes e desordens sociais, de maneira a construir uma sociedade civil alinhada aos seus projetos. Álvaro do Nascimento (NASCIMENTO, 2013) diz que o estado Imperial era um voraz consumidor de trabalho compulsório para as suas empresas públicas e militares, seja nas oficinas dos Arsenais de Guerra, nos estaleiros da Marinha, nas prisões e demais estabelecimentos, em que a mão de obra livre, do trabalhador pobre, era imprescindível para alinhar os objetivos das elites políticas e diligentes do Império, que alegavam que esta iniciativa, iria impedir a criminalidade, o ócio e os maus costumes aos jovens. (NASCIMENTO, 1998, p. 84).

A historiografia sobre a educação no Brasil, principalmente no século XIX, nos serviu de base para entendermos melhor o processo de aprendizagem que se dava no interior do Arsenal de Guerra. Através da reorganização da educação do exército feita a partir as políticas conservadoras, que controlavam o poder político do Império a partir de 1848, vale ressaltar os trabalhos da historiadora Claudia Alves, sobre a questão da educação, do trabalho e o exército Imperial, principalmente da relação das fábricas e oficinas dos Arsenais de Guerra espalhados pelo Brasil. (ALVES, 2011).

Em nossas fontes pesquisadas, podemos destacar os relatórios enviados ao Presidente da Província pelo pedagogo responsável pelo ensino dos menores desvalidos, segundo os regulamentos das Classes de Menores, nestes relatórios destacamos informações importantes para entendermos o contexto da educação e revelar a história da educação desta instituição e a escolarização da infância, como nos diz o trabalho de Maria Cristina de Soares de Gouvêa (GOUVÊA, 2003). Os regulamentos por parte do Estado controlavam e procuravam manter a ordem segundo seus interesses dentro das oficinas e das classes de aprendizes do Arsenal de Guerra de Porto Alegre, buscamos no trabalho de Regina Schneider sobre a instrução pública no Rio Grande do Sul do século XIX, a relação entre das leis e o cumprimento das mesmas nos órgãos de instrução pública no período, em que as classes do Arsenal estavam inseridas (SCHNEIDER, 1993).

3. Metodologia

Ao utilizarmos o aporte metodológico da redução de escala de análise de fontes (REVEL, 2000) para a nossa pesquisa, buscamos entender o cotidiano da instituição militar e trabalhar com sujeitos sociais e históricos que estão nas páginas apresentadas pelas nossas fontes. Onde baseados em uma análise qualitativa e quantitativa, onde buscaremos uma abordagem histórica valorize o cotidiano, as experiências e relações pessoais e sociais dos sujeitos históricos aqui estudados, sem deixá-los, no entanto, de situá-los nos diferentes contextos e subordinações a regras e condutas sociais e militares aos quais os mesmos estavam inseridos.

No Arsenal de Guerra de Porto Alegre existiam duas classes de menores aprendizes, a Classe Geral, regida e mantida pelos cofres Imperiais, e a Classe Provincial, mantida pelos cofres públicos da província. Eram admitidas nestas instituições crianças desvalidas, ou seja, órfãos, crianças pobres, indígenas e expostos da Santa Casa de Misericórdia dos oito aos doze anos de idade, conforme o regulamento de 25 de Fevereiro de 1848. Estes meninos ficavam a cargo da educação militar em regime de aquartelamento, sendo permitido, aos aprendizes, o direito de visitar a família, no caso de quem possuía uma. Nos dias de festas santas e feriados a licença duravam de três a seis dias, dependendo esta licença do local onde residiam as crianças³. A

³ Para mais informações sobre os regulamentos da instrução pública no Rio Grande do Sul ver SCHNEIDER, 1993.



XII SEMANA CIENTÍFICA UNILASALLE – SEFIC 2016
Canoas, RS – 17 a 21 de outubro de 2016

COMUNICAÇÃO ORAL

ISSN 1983-6783

documentação demonstra que não somente da cidade de Porto Alegre vinham os aprendizes do Arsenal, mas de várias localidades da região.⁴

O regulamento da classe provincial e o modelo adotado para a admissão de meninos e a sua educação, veio da ideia expressa no ano de 1848, do então Presidente da Província e Comandante do Exército em Guarnição, Francisco José de Souza Soares de Andréa. Francisco de Andréa, através de seu relatório, relata sua experiência positiva na implantação da instituição feita por ele na primeira escola dos Meninos do "Trem", no ano de 1837, na Província de Pernambuco. Ele relata que deveria ser imitado nas demais províncias, e aproveitando-se que em Porto Alegre, já funcionava um estabelecimento de amparo e educação militar, devia esta mesma instituição seguir regras e os devidos padrões em sua regulação, conforme sua experiência anterior:

Em lugar de Aprendizes anexos aos Arsenais, eu criei ali uma escola separada, e sobre si, de Meninos destinada a todos os misteres que quisessem aprender, e para que quaisquer Mestres os requisitassem...[...] Estes meninos entregues a um pedagogo, que felizmente encontrei a propósito, e cujo estabelecimento ainda existe, instruem-se em casa para isso destinada, ou colégio, de tudo quanto lhes é conveniente até as oito horas do dia, como seja Doutrina Cristã, ler, escrever, contar e algum desenho linear; feito isto e tendo almoçado, saem, debaixo de forma em diversas direções, e comandados por um deles para as diversas oficinas, em que têm trabalho.⁵

Como percebemos, a criação de uma escola e alojamento para manutenção desses meninos, começa a se dar a partir deste período. Onde os aprendizes passam a residir fora do âmbito militar, sendo somente nos períodos dos seus trabalhos nas oficinas, onde os mesmos aprendiam uma profissão, ao mesmo tempo em que mantinham contato com o ambiente de trabalho fabril.

Mais tarde o regulamento 45, de 25 de Janeiro de 1859, veio reformular o de 25 de Fevereiro de 1848, reforçando as regras, como a manutenção de duas classes de aprendizes, uma a cargo dos cofres Provinciais e outra Geral, mantida pelo Império. E é neste mesmo regulamento e lei, que em 1860, os aprendizes voltam a residir nas imediações do Arsenal, por ordem do Presidente da Província, onde lhe pouparia aos cofres públicos uma despesa de 480 réis anuais com o aluguel de um prédio, para os aprendizes, junto com o pedagogo pernoitarem.

Os relatórios enviados pelo pedagogo, nos dão uma série de importantes dados a serem analisados em uma perspectiva da história da educação, pois neles temos acesso a informações sobre o cotidiano escolar destas classes, como por exemplo no documento da *"Relação dos Educandos da Classe Provincial com as declarações das idades, ofícios que aprendiam e seu aditamento em 1ª letras, musica e ofícios"*⁶. Fontes primárias como estas nos possibilita uma análise tanto social, como educacional e até mesmo da concepção de trabalho que existiam dentro deste contexto do Arsenal de Guerra, como vemos no gráfico abaixo transcrito diretamente de nossas fontes o exemplo do relatório de alguns aprendizes da Classe Provincial:

⁴ Os fundos pesquisados, pertencentes ao Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul, onde se encontra o fundo do Arsenal de Guerra, contendo 56 caixas com documentos administrativos enviados para os presidentes da Província, pelos diretores do Arsenal, por cerca de 100 anos período compreendido entre 1811 e 1891. Além destes relatórios, outra fonte rica, que encontramos no mesmo arquivo, é a documentação enviada pelo Presidente da Província, para o Arsenal de Guerra, que se encontra no Fundo A. 04. Registro de correspondências expedidas para autoridades militares, entre esses o diretor do Arsenal, documentação que abrange o período de 1840 a 1870.

⁵ Aditamento feito ao relatório, que perante a Assembléa Provincial do Rio-Grande de São Pedro do Sul, dirigio o exm.o vice-presidente da provincia em sessão de 4 de março de 1848, pelo Illm.o e Exm. o sr. presidente da provincia e commandante do exercito em guarnição, Francisco José de Souza Soares de Andréa, para ser presente á mesma Assembléa. Porto Alegre, Typ. do Commercio, 1848. p.18

⁶ Fundo Arsenal de Guerra, Caixa 24, maço 30. Relatório de 9 de Janeiro de 1865. AHRS.



XII SEMANA CIENTÍFICA UNILASALLE – SEFIC 2016
Canoas, RS – 17 a 21 de outubro de 2016

COMUNICAÇÃO ORAL

ISSN 1983-6783

NOMES	ANOS DE IDADE	OFÍCIOS	OBSERVAÇÕES
Manuel Cardoso	18	carpinteiro	Estuda Geometria, geografia, e gramática com a regência, faz contas de proporção e tem aditamento no ofício.
Sebastião Militão	13	ferreiro	Estuda gramática, faz as 4 espécies de conta, com a aplicação vulgar tem aditamento no ofício e é aprendiz de música.
José Licrom	10	alfaiate	Lê soletrando em impresso e escrito, escreve bastardinho, faz conta de somar e diminuir e tem aditamento no ofício.
João Pedro da Silva	8	carpinteiro	Lê soletrando em impresso e escrito, escreve abc, faz conta de somar e diminuir e tem aditamento no ofício.

Relação dos Educandos da Classe Provincial com as declarações das idades, ofícios que aprendiam e seu aditamento em 1ª letras, música e ofícios⁷

Os dados acima, nos dão uma dimensão do contexto social em que estes meninos estavam inseridos, onde no caso desta relação a Classe Geral de Educandos do Arsenal de Guerra, contavam com 56 menores aprendizes, no início do ano de 1865, importante período para o contexto da época em que se deu a campanha de guerra contra o Paraguai. Temos o ofício em que os mesmos estavam aprendendo dentro das oficinas, bem como a situação em que se encontrava no ensino escolar, ao qual variavam segundo a idade do aprendiz, em que os mais novos ainda estavam no início de sua aprendizagem lendo *soletrando*, enquanto os mais adiantados, no fim de sua aprendizagem já estudavam *geometria e gramática*.

4. Considerações Finais

Este recorte no presente trabalho, nos dá a possibilidade de uma análise mais profunda, referente ao desenvolvimento de nossa pesquisa centrando o recorte na área da História da Educação, dialogando também com a história social e política, nosso foco nesta pesquisa que vem sendo desenvolvida no mestrado em História no Programa de Pós-Graduação da PUCRS.

Ao analisarmos estas fontes nos deparamos com uma instituição que foi mantida até o ano de 1882, onde foi extinta por deliberação da Assembleia Legislativa.⁸ Instituição esta que foi o palco para o aprendizado de centenas de jovens sul-rio-grandenses, e demais diversos brasileiros, espalhados pelos Arsenais de Guerra do país, buscamos desta forma contribuir para a história social e da educação ao evidenciarmos e trazermos à luz da história estes personagens históricos que não só viviam, mas moravam, estudavam e trabalhavam no contexto militar do Arsenal de Guerra, mas também interagem com o seu entorno social da Porto Alegre do século XIX.

⁷ Fundo Arsenal de Guerra, Caixa 24, maço 30. Relatório de 9 de Janeiro de 1865. AHRs.

⁸ SCHNEIDER, op cit. 247-248.



XII SEMANA CIENTÍFICA UNILASALLE – SEFIC 2016
Canoas, RS – 17 a 21 de outubro de 2016

COMUNICAÇÃO ORAL

ISSN 1983-6783

Referências

ALVES, Claudia. Dimensões da formação de intelectuais militares no século XIX. In: LEITE, Juçara Luzia e ALVES, Claudia. (Org.). **Intelectuais e História da Educação no Brasil: poder, cultura e políticas**. 1 ed. Vitória: EDUFES, 2011, v. 1, p. 85-110.

CASTRO, Hebe. História Social. In: CARDOSO, Ciro Flamarion e VAINFAS, Ronaldo. **Domínios da História: ensaio de Teoria e Metodologia**. Rio de Janeiro: Campus, 1997.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. 21ª ed. Petrópolis Vozes. 1996.

GINZBRUG, C. "Sinais: raízes de um paradigma indiciário" In _____. **Mitos, Emblemas e Sinais: morfologia e história**. São Paulo: Cia das Letras, 1989.

GOFFMAN, Erving. **Manicônios, Prisões e Conventos**. São Paulo, Perspectiva, 1974, p. 11.

GOUVÊA, Maria Cristina de Soares de. A escolarização da meninice nas minas oitocentistas: a individualização do aluno. In: cynthia greive veiga; thaís fonseca. (org.). **História e historiografia da educação no brasil**. Belo horizonte: autêntica, 2003.

NASCIMENTO, Álvaro Pereira do Recrutamento paraa Marinha brasileira: República, cor e cidadania. In _____. **Homens e armas [recurso eletrônico]: recrutamento militar no Brasil – Século XIX** / MUGGE, M.H; COMISSOLI. A. Organizadores. [2. ed.] – São Leopoldo: Oikos, 2013.

NASCIMENTO, Álvaro Pereira do. **A Ressaca da Marujada: recrutamento e disciplina na Armada Imperial**. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2001,

OLIVEIRA, Vinicius Pereira. **Sobre águas revoltas: cultura política maruja na cidade portuária de Rio Grande/RS (1835-1864)**. Porto Alegre. PPGH/UFRGS, 2013. Tese (Doutorado em História).

PERROT, Michele. **Os excluídos da história. Operários, mulheres e prisioneiros**. 2. Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

SCHNEIDER, Regina Portella. **A Instrução Pública no Rio Grande do Sul (1770-1889)**. Porto Alegre: UFRGS/EST, 1993.